

Harry Potter: um herói em busca de sua alma

Harry Potter: a hero searching his anima

Fernanda G. Moreira *

* Psiquiatra e psicoterapeuta, membro analista SBPA/IAAP, mestre e doutora pelo Departamento de Psiquiatria da EPM/UNIFESP, coordenadora das Unidades Curriculares Psicologia Médica e Semiologia Integrada do curso de medicina da EPM/UNIFESP.

E-mail: femoreirapsi@gmail.com.

A comoção promovida pela história de Harry Potter convida à reflexão, e muito tem sido estudado, dito e escrito sobre a obra. Teses acadêmicas têm sido elaboradas não apenas nas áreas de letras, comunicação e educação, mas também na psicologia, incluindo a psicanálise e a psicologia analítica.

A psicologia analítica tem na arte, incluindo a literatura, uma fonte importante. Jung afirma que a obra de arte trabalha continuamente na educação do espírito de uma época, ampliando consciência (JUNG, 2007, v. 15, par. 130). Kittelson (1998) ressalta que a cultura popular encerra as imagens mais comuns e intensas. É necessário explorá-las para que se tenha um sentido mais amplo e profundo da alma cultural. Izod (2001) destaca que, para a psicologia analítica, a intensidade da fascinação ou das emoções geradas pelas imagens cinematográficas é fator suficiente para justificar o trabalho de análise.

Diante da magnitude do material: mais de 3.200 páginas, considerando as edições em português (ROWLING, 2000a; 2000b; 2000c; 2001; 2003; 2005; 2007); e da produção cultural e científica a respeito, não se propõe explorar todos os aspectos desta saga. Utilizando o referencial da psicologia analítica, foi feita a análise simbólica tanto da obra literária como cinematográfica.

O presente trabalho se iniciou com a análise simbólica de Hogwarts – Escola de Magia e Bruxaria, palco principal dos acontecimentos da saga (MOREIRA; OLIVEIRA, 2012). Nesse artigo, publicado na *Junguiana* (v. 30, n. 2), os conceitos de promoção de saúde e de escola promotora de saúde, bem como o de resiliência constituíram o ponto de partida para a delimitação do foco da análise simbólica. Posteriormente foi redigida a

monografia “Ferida narcísica e tutores de resiliência: uma leitura analítica da saga de Harry Potter”, orientada pela professora Liliana L. Wahba, aprovada pela Comissão de Ensino da SBPA em julho de 2014. Nela, “o menino que sobreviveu” (ROWLING, 2000, p.1) passa a simbolizar a criança ferida e o adolescente que, em Hogwarts, encontra-se com tutores de resiliência que possibilitam um desenvolvimento progressivamente mais saudável. O presente artigo coloca seu foco no desenvolvimento anímico de Harry Potter, especialmente facultado por seu encontro com Gina Weasley, aquela que viria a se tornar sua esposa e mãe dos seus filhos.

Harry Potter é um garoto que tem um início de vida saudável, numa família amorosa, mas este equilíbrio é quebrado aos 11 meses de vida, com o assassinato de seus pais. Voldemort, o Lorde das Trevas, ataca a família Potter, e Harry é o único sobrevivente. Tal evento muda radicalmente o rumo da história deste menino, cuja ferida se aprofunda no cotidiano de maus tratos com a família adotiva.

Harry teria tido sua narcisogênese primária inicialmente bem-sucedida, a “magia antiga”, que o protege do primeiro ataque, conjurada pela mãe, que se sacrifica para salvá-lo. Contudo, no processo de desenvolvimento do nosso herói existe uma quebra, trazida pela perda dos pais aos 11 meses de idade, seguida pelos maus tratos recebidos na casa dos tios, que sequer falaram a Harry sobre seus pais ou explicaram sua origem. Nosso herói não apenas perde os pais ao fim do primeiro ano de vida, mas é privado do conhecimento da própria história e identidade. A vida de tormentos de Harry se estende até os 11 anos, quando, na entrada da adolescência, ele é resgatado pelo meio-gigante Rubeo Hagrid para estudar em Hogwarts, dando início à sua jornada heroica.

A adolescência seria um período típico de ativação do arquétipo do herói para realizar a batalha da libertação do mundo parental – a saída da endogamia para a exogamia. O inconsciente com sua característica de dominação representaria um perigo a ser enfrentado pelo herói (BLOISE, 2006). Maria Zelia de Alvarenga (2008) enfatiza que a emergência do herói desencadeia a saída do mundo endogâmico, que gesta a identidade corporal, possibilitando o mundo da exogamia e a estabilização final do ego. A característica paulatina dessa conquista é bem retratada na saga. A cada episódio, os protagonistas evoluem alguns passos, vencendo algumas batalhas nessa grande guerra.

A separação gradativa da família é um elemento fundamental nessa fase da vida. Tal separação é possibilitada na medida em que o adolescente vai desidealizando os pais, ou seja, vai matando simbolicamente os pais da infância (BLOISE, 2002). Tal processo não se dá sem culpa, por mais saudável que seja. O que se dirá do processo de desidealização dos pais de um órfão. Especialmente se esta orfandade se deu, como no caso de Harry, com os pais dando a própria vida para salvar a vida do filho!

Antes de desidealizar, nosso herói precisou idealizar. Até chegar a Hogwarts, Harry nada sabia sobre seus pais. As poucas informações que tivera a respeito eram distorcidas e denegriam ostensivamente a imagem de seus genitores. Para seu espanto e alegria, nos primeiros anos na escola de bruxaria, Harry só ouve fatos admiráveis sobre seus pais. A possibilidade da conscientização da identidade familiar é a riqueza simbolizada no ouro guardado num cofre subterrâneo no banco Gringotes, recém-descoberto.

No terceiro ano, quando do auge das descobertas das virtudes dos pais por meio da convivência dos amigos de infância deles – agora seus professores –, Harry é especialmente assombrado pelo medo da morte, enxergando presságios sinistros em muitos momentos, ficando progressivamente assustado. Culpa por ter sobrevivido no lugar de seus pais? Projeção do desejo de morte, diante da dor do que lhe fora negado, na esperança fantasiosa de reencontrá-los? No desfecho do episódio, quando se dá conta que é ele mesmo, e não o pai, que conjura o complexo feitiço *Expecto Patronum*, salvando a si mesmo e ao padrinho Sirius Black de um destino terrível, cessam tais previsões. O pai biológico é separado do pai arquetípico, e este é humanizado, trazendo potência e possibilidade de autodefesa ao bruxinho. Ele pode defender a própria vida.

Porém, no quinto episódio, aos 16 anos, Harry descobre a face tirana de seu pai: um aluno arrogante, que perpetra *bulyling* num frágil colega e trata sua mãe, então apenas uma colega de turma, com grosseria, quando ela tenta proteger o colega humilhado. Nas palavras de Gerhold (2010, p. 167), “para Harry, seu pai repentinamente revelou-se um desconhecido”.

Ao invés de trazer alívio e liberdade, como esperado quando um adolescente desidealiza o pai, tal revelação traz um sofrimento atroz a Harry, que fica novamente órfão. Sobrevém uma melancolia profunda. Neste, como em muitos momentos de

introversão paralisante de Harry, paira a dúvida de quanto ele tem de saúde e o quanto tem de doença em sua psique, ou seja, se observamos uma deintegração ou uma desintegração (FORDHAM, 1994). Não obstante, mesmo com grande sofrimento, Harry desidealiza, heroicamente, a figura paterna. Tal feito se dá com a ajuda de tutores de resiliência: mestre Dumbledore, Rubeo Hagrid, professor Lupin e o padrinho Sirius Black. Cada qual contribuindo amorosamente para a humanização de um aspecto do arquétipo patriarcal. Albus Dumbledore – diretor de Hogwarts – acolhe Harry mesmo em momentos de grande fúria do adolescente. Personificação da albedo, é a fonte de sabedoria para o jovem. Hagrid – o guarda-caças da escola – sempre tem uma xícara de chá quente esperando pelo bruxinho. Extremamente emotivo, é todo rubedo. O professor Lupin – colega de escola do pai de Harry – foi quem ensinou nosso herói, nas horas vagas, a conjurar o feitiço *Expecto Patronum*. Finalmente Sirius Black – o padrinho – é o correspondente de todas as horas, acolhendo a dor da desidealização do pai. Sombrio, vivendo na clandestinidade, compartilha a nigredo com Harry. Apesar de ternos e acolhedores, todos sabem dar limite ao nosso herói.

A desidealização da mãe é muito mais penosa ao nosso herói. O que resulta na fixação de sua anima na projeção primária. Jung (1978, v. 7/2) afirma que a primeira projeção de anima de um jovem se dá na mãe. Posteriormente, a partir da adolescência, esta imagem passa a ser transferida para outras mulheres. Para tanto se faz necessária a desidealização da mãe (JUNG, 1978, v. 7/2; NEUMANN, 1968). Não obstante, Harry tem muitas dificuldades em desidealizar a imagem da mãe durante a saga. O ambiente também não o ajuda a fazê-lo. Todos que a conheceram somente lhe têm elogios.

A dificuldade de Harry em desidealizar a mãe repercute na sua dificuldade com o arquétipo da anima. A partir do quarto livro, aos 14 anos, mostra-se muito tímido com relação às mulheres. Mesmo sendo um campeão de Hogwarts, por ocasião do Torneio Tribruxo¹, tem muita dificuldade em convidar uma garota para o Baile do Torneio. Também se mostra bastante duro e intolerante. Seu primeiro namoro acontece no quinto livro, com Cho Chang, sensível e emotiva. Harry não suportava o choro da namorada: exasperava-se. Quando ele desmanchou o namoro, terminou a conversa com o imperativo: “E não chore!”. A partir do sexto livro o bruxinho passa a ter um

¹ Torneio entre três escolas de magia, realizado em Hogwarts, no qual Harry compete, ao lado de Cedrico, como campeão de Hogwarts.

envolvimento velado com Gina Weasley, irmã caçula de seu melhor amigo. Se tal relacionamento parece um tanto morno no livro, nos filmes, pareceria até que os atores não sabem interpretar cenas românticas, não fosse extremamente significativa tal falta de sensualidade na relação.

Enquanto Harry tem toda a sua energia drenada para o Torneio Tribruxo, seus amigos demonstram outros interesses. Ron vive cenas tórridas com Lilá Brown, uma colega da Grifinória, e Hermione vive um romance, classificado por ela no quarto filme como “um lance mais físico”, com o campeão do Instituto Durmstrang, outra escola envolvida no Torneio Tribruxo. A própria Gina teve mais de um namorado antes de Harry, e era uma das garotas mais desejadas da escola. Harry, porém, parece estar fora de ritmo neste aspecto. Mesmo quando já está namorando Gina, desmancha o namoro por ocasião da morte de Dumbledore, alegando que dessa forma ela estaria mais protegida. A maior parte das aproximações sensuais entre os dois se dá por iniciativa de Gina, que, sintomaticamente, tem a mesma cor de cabelos e dos olhos da mãe de Harry. Semelhantemente a Lílian Potter, Gina é uma bruxa bastante bonita e talentosa. Outro detalhe simbólico é que Gina tem um talento especial em feitiços para combater bicho-papão. É terno pensar num herói que tem por anteparo de projeção de alma uma especialista no combate de entidades que aterrorizam crianças pouco mais velhas do que ele, por ocasião da morte de sua mãe. Na saga, o bicho-papão tem a peculiaridade de apresentar-se na forma de seu medo mais íntimo. O contrafeitiço protetor é visualizar esta fonte de medo de forma ridícula.

Harry não deu conta da fragilidade da primeira namorada. Não tolerou vê-la chorar, e não teve nenhum impulso de confortá-la ou protegê-la. A namorada com quem consegue engatar um relacionamento mais estável, além de carregar semelhanças com sua mãe, é forte a ponto de protegê-lo em várias passagens, uma especialista em bichos-papões: transforma o medo em riso. A única atitude protetora de Harry com relação à namorada é afastar-se dela e partir para a estrada. Sua atenção permanece voltada para o embate com Voldemort: o herói está ativado em prol da causa materna.

A única coisa que concorre com esta batalha por sua atenção é o Quadribol, esporte mais popular entre os bruxos. Ser um grande apanhador neste esporte é a sua primeira busca de identidade pessoal, partindo das identificações parentais. Seu pai jogara na mesma posição em seus tempos de escola. Mas esta não era a única motivação

de Harry para o esporte. Outro estímulo era o reconhecimento de sua aptidão natural, advindo inicialmente por parte das professoras, posteriormente por toda a comunidade escolar. Tal reconhecimento incentiva o bruxinho a se colocar à prova fisicamente. O sacrifício envolvido no Quadribol não é pouco. Praticado ao ar livre, os treinos não são interrompidos pelas adversidades climáticas. A exposição aos extremos de frio, rajadas de vento, chuva ou neve, bem como os acidentes que incluem quedas de mais de cinco metros conferem coragem e resistência física ao adolescente, que se distancia da identidade corporal infantil. É também no rigor dos treinos que muitas vezes a raiva e frustração de uma vida de adversidades são redirecionadas. A agressividade, que anteriormente se insurgia de forma autônoma, quando, por exemplo, inflou a tia como um balão porque ela não parava de insultar a memória de seus pais, passa a ter mais possibilidade de controle. Forjando o corpo adulto no universo patriarcal, nosso herói começa a se distanciar do domínio do universo matriarcal.

Frankel (1998), no entanto, pondera que, enquanto Neumann e demais colaboradores da escola analítica desenvolvimentista entendem a luta do herói como uma via de libertação da mãe-dragão, Hillman propõe a possibilidade do herói lutando como prisioneiro dela, opondo-se ao pai para permanecer no lugar dele ao lado da mãe. Com isso, Hillman não nega a necessidade de se desvencilhar da mãe, mas aponta outra possibilidade de caminho para a emergência do novo:

Na Alquimia, também, o abraço do espírito e da matéria [mãe] é um sofrimento e um mal. No entanto a saída desse abraço é diferente [...] Na Alquimia o dragão é também o mercúrio criador [...] Matar o dragão no mito heroico significa nada menos do que matar a imaginação, o verdadeiro espírito que é o caminho e a meta. O dragão, lembremo-nos, não é uma serpente nem um animal. É um animal fictício, um instinto imaginário e dessa forma o instinto da imaginação. Ou a imaginação como uma força vital e instintiva [...] O herói alquímico é devorado pelo dragão, ou como diríamos, a imaginação vence. Em seguida, vem a atividade de discriminação dentro do estômago, em que o *nous* separa e faz distinções das literalizações da *physis*, as fantasias fisicamente concretas. Esse processo de discriminação é imaginado na Alquimia como cortar o ventre da besta de dentro para fora. (HILLMAN, 1979, p. 102)

Poder-se-ia ver a emergência do herói de Harry desta forma. Dash (2012) o localiza como um herói alquímico. Ele é um “bruxo”, não é um herói da razão. Seus atributos especiais, os dons mágicos, podem ser entendidos como a função intuição bem desenvolvida e a capacidade da imaginação criativa, que por si só seriam um chamado à

quebra de paradigma na sociedade ocidental moderno-contemporânea, fundamentada nas funções pensamento e sensação. Significativamente, o primeiro desafio de Harry no Torneio Tribruxo² não é matar o dragão, mas roubar-lhe o ovo de ouro. O objetivo não é vencer e matar a mãe, a ênfase é sobre a necessidade do puer: a criatividade emergente. “O puer representa a necessidade de busca do espírito gerador” (HILLMAN, 1979, p. 99). O primeiro desafio diz respeito à possibilidade da emergência do novo, o ovo que foi resgatado da guarda do dragão mantendo a integridade da fera. Ao concluir a prova, Harry descobre a própria potência, da qual tinha pouca consciência até então. Mas a independência do universo matriarcal ainda precisará ser melhor trabalhada.

O desenvolvimento não é um processo linear, mas espiral. A luta heroica protagonizada por Harry e seus amigos inicialmente não era contra o *status quo*, mas em defesa dos ideais de seus pais e mestres. A luta heroica de Harry contra aqueles que desejam subjugar não bruxos e mestiços é a luta em defesa da mãe nascida em família de não bruxos – os chamados trouxas. O arquétipo do herói é muitas vezes ativado no bruxinho em razão do luto pela perda concreta dos pais, não para se diferenciar deles. No caminho da reparação desta perda, ocasionalmente seu ego tende a se identificar e se misturar com o arquétipo do herói, correndo o risco da fixação da inflação e da indiscriminação com a idealização materna, literalizando-se na figura do “eleito” – aquele que está destinado a defender a comunidade bruxa das forças do mal (ROWLING, 2005, p. 33).

Outro momento de discriminação e de ampliação de consciência é simbolizado na segunda prova do Torneio Tribruxo, que traz uma bela analogia de saída do mundo endogâmico. Ao submergir no lago da propriedade, enfrentando criaturas míticas para resgatar seu amigo, Harry demonstra que desenvolveu a capacidade de autonomia. Ali ele enfrenta o útero incestuoso que pode aprisionar, as estruturas primitivas que aprisionam sua função afetiva, símbolo carregado pelo amigo Ron a ser resgatado. Mediante domínio corporal e mental, nosso herói consegue respirar e conter a respiração, permanecendo uma hora submerso na água: seguindo a analogia proposta por Hillman, sai do dragão penetrando nele. Em meio à ativação do herói em função da imagem materna, desenvolve a autonomia que lhe possibilita desvencilhar-se do

² O Torneio Tribruxo é constituído de três provas: (1) roubar o ovo de um dragão fêmea no cio; (2) resgatar um ente querido do jugo dos Sereianos no fundo do lago da propriedade de Hogwarts; (3) encontrar a taça da vitória no centro de um labirinto repleto de obstáculos mágicos.

aprisionamento no universo matriarcal. Trata-se, no entanto, de um processo paulatino. A diferenciação ocorre sem o confronto direto, sem a oposição ou negação do valor materno.

O movimento de inovação de Harry tem desenvolvimento sutil: ele fica marcado por nunca usar *Avada Kedavra*, a maldição da morte, num duelo. Mesmo contra Voldemort – o vilão, líder das forças das trevas, personificação da sombra do protagonista – usa apenas *Expelliarmus*, feitiço para desarmar o oponente. Mas esta postura não chega a ser uma bandeira do protagonista, que a enxerga como uma escolha pessoal. A consciência da quebra de paradigma só lhe ocorre posteriormente.

Por ocasião do sexto episódio, Harry intui que o colega Draco Malfoy planeja matar Dumbledore – o *headmaster*. Não tendo prova material, fica progressivamente solitário na tarefa autoimposta de proteger o mestre. Por meio de um livro de dono desconhecido, o bruxinho aprende alguns feitiços de proveniência duvidosa. Contudo, tal livro lhe proporciona desempenho acadêmico excepcional. Quando, em embate com Draco, conjura um feitiço aprendido no livro que quase mata o colega, não fosse a intervenção do então revelado dono do livro. Nosso herói assusta-se ao se perceber capaz de conjurar um feitiço mortal. Mas somente com a ajuda da namorada, Gina Weasley, consegue desfazer-se do livro, abdicando daquele poder.

Mesmo tendo Gina como anteparo de projeção anímica, Harry ainda não está pronto para se entregar a este encontro. Dificilmente estaria, aos 17 anos, e com tremenda ferida a ser elaborada. Com a morte do mestre Dumbledore, cresce a culpa onipotente que o bruxinho sente pela morte de todos os seus entes queridos: vilão-sombra está mais poderoso que nunca. Harry aceita o chamado, assume-se como “o eleito” e mergulha de corpo e alma à missão de combater a sombra do desejo de poder absoluto e de transcender a morte, personificado em Voldemort.

O grande vilão da saga, e depositário mor da sombra de Harry, é Lorde Voldemort. Seu nome teria uma raiz etimológica ambígua: do francês *vol de mort*, “roubo da morte” ou “voo da morte”. Toda a saga, mas especialmente a trama final, se dá acerca das manobras do vilão para se tornar imortal, à custa da fragmentação da própria alma. Daí o brilhantismo da ambiguidade: o roubo da morte que resulta num voo de morte.

A derradeira gesta heroica se inicia com novo período de isolamento iniciático do protagonista, desta vez acompanhado pelos amigos Ron e Hermione, passa pela desidealização do mestre e pela visita à cidade de seus ancestrais e ao túmulo dos seus pais e culmina com uma catábase.

Atendendo ao chamado para o confronto com o vilão-sombra Lorde Voldemort, Harry entra na Floresta Proibida, coberto pela Capa da Invisibilidade, portando um presente de Dumbledore: a Pedra da Ressurreição. Sentindo sua coragem falhar, Harry usa a pedra para um encontro com todos aqueles que, na sua concepção, morreram por ele: sua mãe, seu pai, Sirius Black – o padrinho – e Remo Lupin – o professor – que recém morrera lutando no castelo. Neste encontro evocado, nosso herói é recebido por sorrisos de todos e pelo olhar e a afirmação de admiração dos pais. O bruxinho se desculpa com eles, e tem como resposta o redimensionamento da razão das mortes: a luta por um mundo melhor. Por fim lhe é salientado que todos fazem parte dele, que jamais estará só. Com a integração das lembranças amorosas Harry começa finalmente a elaborar seu luto. Percebe-se o recurso que Jung denominou de imaginação ativa aqui como em diversos momentos da saga. Os quatro – os pais, o padrinho e o professor – o acompanham até ele se postar diante de Voldemort, cercado de seus comensais da morte. Ao ser alvejado pelo Lorde das Trevas, ambos – herói e vilão – caem desacordados, cada um de um lado. Voldemort rapidamente acorda e levanta enfraquecido acreditando na morte do nosso herói, que tem seu corpo carregado de volta ao castelo.

Enquanto desacordado, Harry tem um diálogo com Dumbledore. O mestre, uma imagem do seu curador interno, lhe esclarece que ele tem a opção de ir em frente – na morte – ou voltar à vida, e que seu retorno poderia poupar muitas vidas, não a sua morte, como acreditava em razão da culpa onipotente sombria advinda de um luto não elaborado. Harry entende sua ligação com Voldemort e sua missão e opta por terminar sua tarefa, não antes da derradeira pergunta:

– Me diga uma coisa – disse Harry – Isso é real? Ou esteve acontecendo apenas em minha mente?

Dumbledore lhe deu um grande sorriso, e sua voz lhe pareceu alta e forte aos ouvidos de Harry, embora a névoa clara estivesse baixando e ocultando seu vulto.

– Claro que está acontecendo em sua mente, Harry, mas por que isto não significaria que não é real? (ROWLING, 2007, p. 525)

Por meio de um processo de diálogo interior, ricamente exemplificado como uma imaginação ativa, Harry elabora seus dilemas, conflitos e traumas, e diferencia-se do vilão de alma desmembrada. Tornar-se o senhor da morte não se restringe a colecionar as relíquias da morte e desejar a vida eterna, mas entender que a morte é inerente à vida: morte e vida são integrantes do mesmo processo. O desejo de invulnerabilidade perdera o sentido. Nosso herói vislumbrara a conexão com a totalidade, desfazendo a identificação do ego com o arquétipo do herói: sua alma finalmente resgatada, livre do aprisionamento na sombra.

Harry entrou na Floresta Proibida sem querer ser visto, escoltado apenas pela memória daqueles que o amaram, e se apresentou ao Lorde das Trevas sem se defender. A memória de seus pais e seus tutores de resiliência o ajudaram a confrontar sua sombra, ativando o curador interno e evitando a fixação. Nosso herói age no sentido inverso de Rick Blaine, personagem interpretado por Humphrey Bogart em Casablanca, que abre mão da mulher para ganhar a fama patriarcalmente por “fazer a coisa certa”; ou de Aquiles, que abre mão de gerações de descendentes para “perpetuar o nome por gerações”, e Getúlio Vargas, que “deixou a vida para entrar na história”. Harry se entrega ao confronto com o vilão desprovido de defesas narcísicas. Age no anonimato, sem sequer se despedir, para não causar comoção. A identidade que lhe fora negada por tantos anos por quem o criou é reintegrada, e Harry retorna do confronto amadurecido.

Somente depois da vivência de catábase Harry se une verdadeiramente a Gina, abrindo mão do poder ilimitado para ter uma vida comum. Houve uma desidealização do desejo da mãe, ou seja, da fantasia de que ela o queria especial e dotado de uma missão. Escolhendo a vida em família, desidealizou a mãe, ainda que a imagem desta permanesse admirada e, até, imaculada. Talvez isso seja necessário em crianças órfãs tão prematuramente.

Harry termina sua jornada não como um herói solar, patriarcal, imagem associada por Hillman (1979) aos contos de fada heroicos; o herói que “rompe com a dinâmica patriarcal para dar abertura aos tempos do patriarcado” (ALVARENGA, 2008, p. 102); mas como um herói da complexidade, conforme contribuição de Wahba (2003, p. 223): “nem santo, nem pecador, mas um homem, vivendo sua vida, resgatando origens, abrindo horizontes”.

Harry Potter, o menino que sobreviveu, filho dos heróis Tiago e Lílian Potter, que morreram para lhe salvar a vida, casa-se com Gina, membro da família tradicional de bruxos, que ousou negar a solução da endogamia como defesa, e que tem no humor e na afetividade seu maior poder.

O epílogo da saga, 19 anos depois, mostra os protagonistas casados, levando seus filhos para tomar o Expresso Hogwarts para o início de um novo ano letivo. O herói da complexidade, após resgatar suas origens, permite que agora seus filhos partam ampliando seus horizontes.

Agradecimento

Agradeço à professora doutora Liliana L. Wahba pelas extensas discussões e reflexões sobre o tema, nas quais certas ideias e desdobramentos foram transmitidos e desenvolvidos.

Sinopse

O presente trabalho tem por objetivo a análise simbólica da obra literária e cinematográfica *Harry Potter* de acordo com o referencial da psicologia analítica. Na amplificação simbólica da saga procurou-se compreender clinicamente o desenvolvimento anímico de Harry Potter, especialmente facultado por seu encontro com Gina Weasley, aquela que viria a se tornar sua esposa e mãe dos seus filhos. O foco do estudo foi delimitado segundo o eixo temático adolescência e processo de individuação. Ao longo do processo relatado, “o menino que sobreviveu” simboliza a criança ferida e o adolescente que encontra com tutores de resiliência que o auxiliam a confrontar suas feridas e consolidar sua identidade. Conclui-se que, ao final da saga, o personagem abre mão do poder ilimitado, supera a ferida e as defesas narcísicas, podendo entregar-se a um relacionamento maduro e fértil.

Palavras-chave: anima, resiliência, adolescência, processo de individuação, herói.

Abstract

The present work aims to symbolically analyze both the literary and the cinematographic Harry Potter series in accordance with the framework of analytical psychology. By analyzing the saga, this paper sought to clinically understand the animic development of Harry Potter, especially facilitated by Gina Weasley. The focus of the study was defined according to the themes of adolescence and the process of individuation. Throughout the described process "the boy who lived" symbolizes the injured child and teenager who meets tutors of resilience. These encounters helped him to confront his wounds and consolidate his identity. At the end of the saga, our hero gives up the unlimited power, overcomes the wound and the narcissistic defenses and succeeds in a mature and fertile relationship.

KeyWords: anima, resilience, adolescence, individuation process, hero.

Referências bibliográficas

- ALVARENGA, M. Z. (2008). *O Graal: Arthur e seus cavaleiros*. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- BLOISE, P. V. (2002). *O desenvolvimento da personalidade na perspectiva da psicologia analítica e taoísta*. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Psiquiatria da Universidade Federal de São Paulo.
- BLOISE, P. V. (2006). O arquétipo do herói: dependência e desenvolvimento. In: Silveira, D. X.; Moreira, F. G. *Panorama atual de drogas e dependências*. São Paulo: Atheneu.
- BYINGTON, C. A. B. (2002) *O arquétipo da vida e da morte – um estudo da Psicologia Simbólica*. Publicação própria: São Paulo,.
- DASH, R. K. (2012). Chasing the shadow: is the Harry Potter series a political discourse? *Language in India*, v. 12, n. 3, p. 458-467.
- FORDHAM, M. (1994). *A criança como indivíduo*. São Paulo: Cultrix.
- FRANKEL, R. (1998). *The adolescent psyche*. New York: Routledge.
- GERHOLD, C. (2010). *The hero's journey through adolescence: a Jungian archetypal analysis of Harry Potter*. Tese (Doutorado) – The Chicago School of Professional Psychology
- HILLMAN, J. (1979). A grande mãe, seu filho, seu herói e o puer. In: HILLMAN, J.; NEUMANN, E.; STEIN, M.; VITALE, A.; VON DER HEYDT, V. *Pais e mães*. São Paulo: Símbolo.
- IZOD, J. (2001). *Myth, mind and the screen: understanding the heroes of our time*. Cambridge: Cambridge University Press.
- JUNG, C. G. (1987). *O eu e o inconsciente*. OC v. 7/2, 12. ed. Petrópolis: Vozes.
- JUNG, C. G. (2007). *O espírito na arte e na ciência*. OC v. 15, 4. ed. Petrópolis: Vozes. .
- KITTELSON, M. L. (ed.) (1998). *The soul of popular culture: looking at contemporary heroes, myths and monsters*. Illinois: Open Court.
- MOREIRA, F. G.; OLIVEIRA, L. (2012). O elogio à diversidade: Hogwarts, uma escola promotora de saúde. *Junguiana*, v. 30, n. 2, p. 47-55.
- NEUMANN, E. (1968). *História da origem da consciência*. São Paulo: Cultrix.
- ROWLING, J. K. (2000a). *Harry Potter e a Pedra Filosofal*. Rio de Janeiro: Rocco.
- ROWLING, J. K. (2000b). *Harry Potter e a câmara secreta*. Rio de Janeiro: Rocco.
- ROWLING, J. K. (2000c). *Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban*. Rio de Janeiro: Rocco.
- ROWLING, J. K. (2001). *Harry Potter e o cálice de fogo*. Rio de Janeiro: Rocco.
- ROWLING, J. K. (2003). *Harry Potter e a Ordem da Fênix*. Rio de Janeiro: Rocco.
- ROWLING, J. K. (2005). *Harry Potter e o enigma do príncipe*. Rio de Janeiro: Rocco.

ROWLING, J. K. (2007). *Harry Potter e as relíquias da morte*. Rio de Janeiro: Rocco.

WAHBA, L. L. (2003). Nosso herói atual: um herói da complexidade. In: *Desafios da prática: o paciente e o continente*. Anais do II Congresso Latino-Americano de Psicologia Junguiana. São Paulo: Lector. p. 217-223.